



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA – CNA

Pessoa Colectiva de Utilidade Pública
Filiada na Coordenadora Europeia Via Campesina

ESTATÍSTICAS AGRÍCOLAS CONFIRMAM EFEITOS DESASTROSOS DE DÉCADAS DE MÁIS POLÍTICAS

As “Estatísticas Agrícolas 2022”, referentes ao ano agrícola de 2021/2022, divulgadas recentemente pelo Instituto Nacional de Estatística, confirmam os efeitos desastrosos que décadas de más políticas tem feito recair sobre o sector.

Confirma-se uma quebra acentuada no rendimento da actividade agrícola (-11,7%), em termos reais, face ao ano anterior, impulsionada pela diminuição do Valor Acrescentado Bruto (-8,7%) e pelo aumento dos custos de produção (+23,7%), tudo o que os agricultores precisam para produzir ficou muito mais caro.

As notícias são péssimas para os agricultores, sobretudo os pequenos e médios que têm sentido de forma brutal os aumentos dos custos de produção, sem reflexos compensatórios no preço a que vendem a sua produção, mas também para os cidadãos, para a economia nacional e para a segurança e soberania alimentares do país.

As bandeiras políticas do Ministério da Agricultura e do Governo, do produzir para exportar para equilibrar a balança comercial e de, simultaneamente, ir reduzindo anualmente a dependência externa, não só não obteve os apregoados objectivos como agravou a situação do país. Portugal está cada vez mais dependente do exterior para alimentar a população e o grau de auto-provisionamento desceu em produções essenciais como a carne ou o leite. A dependência do exterior em cereais mantém-se em níveis escandalosos (80%), situação tanto mais preocupante se considerarmos que a campanha de cereais de Inverno de 2022 foi a pior de sempre.

Desta feita, já nem o saldo da balança comercial pode servir para o Ministério da Agricultura colorir o péssimo cenário que temos à nossa frente: o défice da balança comercial dos produtos agrícolas e agro-alimentares agravou-se em 1.374,5 milhões de euros e atingiu o valor mais elevado deste século (-5.222,8 milhões de euros), sendo o crescimento anual de 35% também o mais elevado desde o ano 2000.

Nestas circunstâncias, o Ministério da Agricultura e o Governo bem podem continuar a procurar desculpas e explicações para o cenário, mas não, a inflação ou a seca não explicam tudo.

A situação grave do sector, que tem condenado milhares de agricultores, sobretudo a Agricultura Familiar, ao empobrecimento e ao desaparecimento, tem a sua génese em décadas de más políticas agrícolas e de mercados, levadas a cabo por sucessivos Governos.

A CNA tem reiteradamente denunciado estas más políticas e apresentado propostas, mas o Governo faz orelhas moucas e, hoje, aqueles que produzem a comida da população estão mais pobres, as mesas mais dependentes do exterior, a soberania do país naquilo que é essencial ao povo está cada vez mais longe de alcançar.

Os apoios, anunciados propagandisticamente aos “milhões”, chegam tarde e quando chegam deixam os mais pequenos de fora. A somar, os cortes previstos no PEPAC para a pequena agricultura e a perda de apoios decorrente da confusão de um PEPAC mal concebido pelo Governo em nada contribuirão para a necessária recuperação de rendimento.

A CNA renova a urgência de se inverter a política do apoio às grandes empresas do agro-negócio que produzem para exportar e de colocar no mercado externo a salvação para as carências do país. O país precisa de outras políticas públicas que apoiem quem produz e contribui para o aumento da

produção nacional em bens essenciais como os cereais, garantindo que quem trabalha a terra é justamente remunerado para poder continuar a produzir.

Coimbra, 26 de Julho de 2023

A Direcção da CNA